

A letalidade global da Doutrina Monroe | Carta semanal 24 (2022)



LeRoy Clarke (Trinidad e Tobago), *Agora*, 1970.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

Na semana passada, como parte de sua política de domínio do hemisfério americano, o governo dos Estados Unidos organizou a **9ª Cúpula das Américas** em Los Angeles. O presidente dos EUA, Joe Biden, deixou claro desde o início que três países do continente (Cuba, Nicarágua e Venezuela) não seriam convidados para o evento, alegando que não são democracias. Ao mesmo tempo, Biden planeja uma próxima visita à Arábia

Saudita – uma autodenominada teocracia. O presidente do México, Andrés Manuel López Obrador, questionou a legitimidade da postura excludente de Biden e, assim, México, Bolívia e Honduras se recusaram a comparecer ao evento. Como se viu, a cúpula foi um fiasco.

Não muito longe dali, mais de uma centena de organizações sediaram uma **Cúpula dos Povos pela Democracia**, na qual milhares de pessoas de todo o hemisfério se reuniram para celebrar o verdadeiro espírito democrático que emerge das lutas de camponeses/as e trabalhadores/as, estudantes e feministas, e todas as pessoas que estão excluídas do olhar dos poderosos. Nesse encontro, os presidentes de Cuba e Venezuela se uniram online para celebrar esse festival democrático e para condenar o tratamento bélico dos ideais democráticos pelos EUA e seus aliados.

Ano que vem, 2023, será o bicentenário da Doutrina Monroe, quando os EUA afirmaram sua hegemonia sobre o continente americano. O espírito nefasto da Doutrina Monroe não apenas continua, mas agora foi estendido a uma espécie de **Doutrina Monroe Global**. A fim de afirmar essa reivindicação absurda em todo o planeta, os Estados Unidos seguiram **uma política de “enfraquecimento”** do que vê como “rivais próximos”, ou seja, China e Rússia.



Philip Guston (Canadá), *Quadro negro*, 1969.

Em julho, o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social – junto com a *Monthly Review* e *No Cold War* – produzirá uma cartilha sobre a escalada militar imprudente do governo estadunidense contra aqueles que vê como adversários – principalmente China e Rússia. Essa cartilha incluirá ensaios de John Bellamy Foster, editor da *Monthly Review*, Deborah Venezia, jornalista radicada na Itália, e John Ross, membro do coletivo *No Cold War*. Na linha dessa cartilha, que será anunciada nesta carta semanal, *No Cold War* também produziu o **briefing n. 3**, *Os Estados Unidos estão se preparando para a guerra contra a Rússia e a China?*, sobre a marcha alarmante e temerária de Washington em direção à primazia nuclear.

NOCOLDWAR | Boletim N°3

Os Estados Unidos estão se preparando para a guerra contra a Rússia e a China?

A guerra na Ucrânia demonstra uma escalada qualitativa da disposição dos Estados Unidos de usar a força militar. Nas últimas décadas, os EUA lançaram guerras contra países em desenvolvimento como Afeganistão, Iraque, Líbia e Sérvia. Nessas campanhas, os EUA sabiam que desfrutavam de uma superioridade militar esmagadora e que não havia risco de retaliação nuclear. No entanto, ao ameaçar trazer a Ucrânia para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), os EUA estavam preparados para arriscar cruzar o que sabiam ser as “linhas vermelhas” do Estado armado nuclear da Rússia. Isso levanta duas questões: por que os EUA empreenderam essa escalada e até que ponto estão preparados para usar a força militar não apenas contra o Sul Global, mas também contra grandes potências como China ou Rússia?

Usando a força militar para compensar o declínio econômico

A resposta ao “porquê” é clara: na competição econômica pacífica, os EUA perderam para os países em desenvolvimento, em geral, e à China, em particular. De acordo com o **Fundo Monetário Internacional (FMI)**, em 2016 a China ultrapassou os EUA como a maior economia do mundo. Em 2021, a China representava 19% da economia global, ante 16% dos EUA. Essa lacuna está crescendo cada vez mais e, até 2027, o FMI projeta que a economia da China ultrapassará os EUA em quase 30%. No entanto, os EUA mantiveram uma supremacia militar global incomparável – seus gastos militares são **maiores** do que os dos próximos nove países. Buscando manter o domínio global unipolar, os EUA estão substituindo cada vez mais a competição econômica pacífica pela força militar.



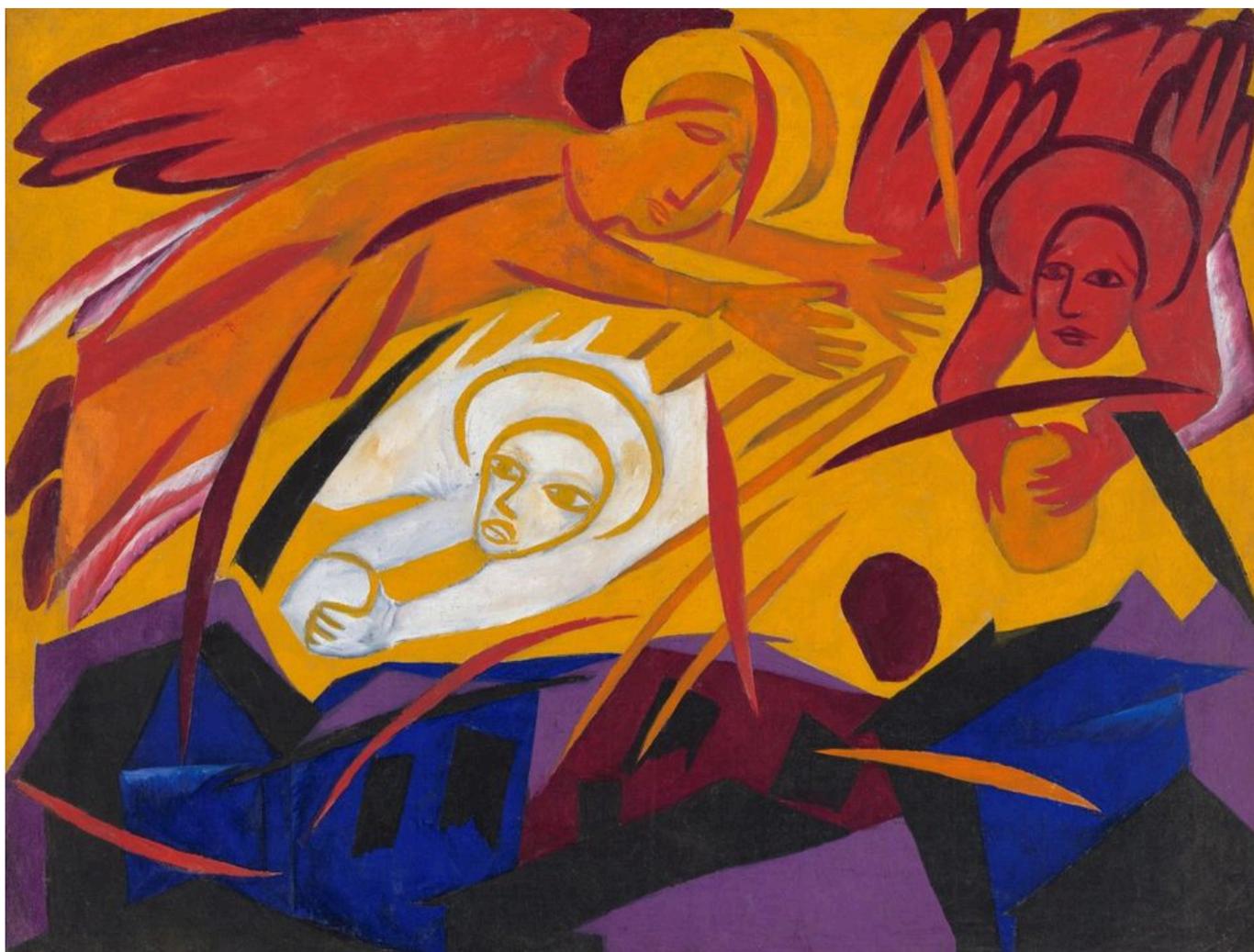
Ikeda Manabu (Japão), *Colapso*, 2013.

Um bom ponto de partida para entender essa mudança estratégica na política dos EUA é o discurso proferido pelo secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, em 26 de maio de 2022. Nele, Blinken admitiu abertamente que os EUA não buscam a igualdade militar com outros Estados, mas a supremacia militar, especialmente em relação à China: “o presidente Biden instruiu o Departamento de Defesa a manter a China como referência para o ritmo de crescimento, para garantir que nossos militares permaneçam à frente”. No entanto, com Estados com armas nucleares, como China ou Rússia, a supremacia militar precisa alcançar a

supremacia nuclear – uma escalada acima e além da atual guerra na Ucrânia.

A busca da primazia nuclear

Desde o início do século 21, os EUA se retiraram sistematicamente dos principais tratados que limitam a ameaça do uso de armas nucleares: em 2002, os EUA **saíram** unilateralmente do Tratado de Mísseis Antibalísticos; em 2019, **abandonaram** o Tratado de Forças Nucleares Intermediárias; e, em 2020, **retiraram-se** do Tratado Céus Abertos. O abandono desses tratados fortaleceu a capacidade dos EUA de buscar a supremacia nuclear.



Natalia Goncharova (Rússia), *Anjos jogando pedras na cidade*, 1911.

O objetivo final dessa política dos EUA é adquirir capacidade de “primeiro ataque” contra a Rússia e a China,

ou seja, a capacidade de infligir danos com o primeiro uso de armas nucleares contra a Rússia ou a China, a ponto de prevenir efetivamente a retaliação. Como John Bellamy Foster observou em um **estudo abrangente sobre essa construção nuclear dos EUA**, mesmo no caso da Rússia – que possui o arsenal nuclear não estadunidense mais avançado do mundo – isso “negaria a Moscou uma opção viável de segundo ataque, eliminando efetivamente sua dissuasão nuclear completamente, através da “decapitação”. Na realidade, as consequências e a ameaça do inverno nuclear de tal ataque ameaçariam o mundo inteiro.

Essa política de primazia nuclear há muito é buscada por certos círculos de Washington. Em 2006, foi **discutido** no principal jornal de política externa dos EUA, *Foreign Affairs*, ao dizer na época que “provavelmente em breve será possível para os Estados Unidos destruir os arsenais nucleares de longo alcance da Rússia ou da China com um primeiro ataque”. Contrariamente a essas esperanças, os EUA ainda não conseguiram atingir uma capacidade de primeiro ataque, mas isso se deve ao desenvolvimento de mísseis hipersônicos e outras armas pela Rússia e China – não uma mudança na política dos EUA.

Desde seus ataques aos países do Sul Global até sua crescente disposição de guerrear com uma grande potência, como a Rússia, para tentar ganhar capacidade nuclear de primeiro ataque, a lógica por trás da escalada do militarismo dos EUA é clara: os Estados Unidos estão empregando cada vez mais força militar para compensar seu declínio econômico. Nesse período extremamente perigoso, é vital para a humanidade que todas as forças progressistas se unam para enfrentar essa grande ameaça.



Shefa Salem (Líbia), *KASKA, Dança da guerra*, 2020.

Em 1991, quando a União Soviética entrou em colapso e o Sul Global permaneceu dominado por uma crise de dívida sem fim, os Estados Unidos bombardearam o Iraque, **apesar das súplicas do governo iraquiano** por uma saída negociada. Durante esse bombardeio, o escritor líbio Ahmad Ibrahim al-Faqih escreveu um poema lírico, “Nafaq Tudiuhu Imra Wahida” [Um túnel iluminado por uma mulher], no qual cantava: “Um tempo passou e outro tempo não veio e nunca virá”. A melancolia definiu o momento.

Hoje, vivemos tempos muito perigosos. E, no entanto, o desânimo de al-Faqih não define nossa sensibilidade.

O **humor** mudou. Há uma crença em um mundo para além do imperialismo, um estado de espírito que não é apenas evidente em países como Cuba e China, mas igualmente na Índia e no Japão, bem como entre as pessoas trabalhadoras que gostariam que nossa atenção coletiva se concentrasse nos verdadeiros dilemas da humanidade e não na feiúra da guerra e da dominação.

Cordialmente,

Vijay.